

LIVROS DE IMAGENS E NARRATIVAS VISUAIS NO PNBE (2005/2010)

Márcia TAVARES

Universidade Federal de Campina Grande - tavares.ufcg@gmail.com

Resumo: O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997, com o objetivo de garantir acesso a obras de literatura infantil e juvenil aos alunos da escola pública. O investimento sistemático, por parte do governo, na distribuição de obras para rede escolar resultou em ampla cobertura, com acervos de obras literárias, livros de referência e de apoio à formação de professores em todo território nacional. Embora abarque em seus acervos um número extenso de diversos gêneros, inicialmente, não havia denominação de títulos que contemplassem a narrativa visual ou o livro de imagens. A partir de 2004, o PNBE começou a incluir em seus acervos alguns livros de imagens, e em 2005 foi organizada a categoria “livro de imagem” e a categoria “livros de narrativas por imagens” em 2010. Nesse artigo, nos deteremos nos livros de imagens que são apresentados nesse intervalo (2005/2010), nos interessa investigar as categorias e os livros aí colocados em suas definições para leitura e anos escolares indicados. Acreditamos que a discussão terminológica possa servir de ponto de partida para avaliar as relações estabelecidas entre os títulos dos acervos e os leitores para os quais estes são direcionados. Apoiamos nossas observações sobre livro de imagens e livro de narrativa visual em Hunt (2010), Nikolajeva e Scott (2011) e Linden (2011) e sobre livro infantil e ilustração em Camargo (1988) e Ramos (2012).

Palavras-chave: PNBE, ilustração, livro infantil.

1. INTRODUÇÃO

Os livros destinados ao público infantil condensam, comumente, a articulação entre dois elementos: o texto escrito e a imagem visual. Essa articulação quando equilibrada promove o uso coerente das funções de cada uma dessas linguagens. Guardadas as devidas funções, o texto e a imagem podem dialogar e construir outros significados, que sugerem o próprio jogo polissêmico da leitura. Nesse jogo, por vezes, existe uma relação entre imagem e texto de repetição e/ou de complementaridade, o que pode favorecer uma perspectiva pragmática e reducionista para a ilustração. Para o entendimento dessas relações, é necessário adotar a perspectiva de que ao mesmo tempo em que lemos os textos também lemos as ilustrações e entendemos que estas podem modificar, ampliar, subverter ou explicar interferindo na apreensão do texto escrito.

Nos livros ilustrados esse diálogo é constituído pelo conjunto dos elementos exclusivos do campo gráfico, assim índices de cores, sugestões de



metonímias e jogos de planos e formas e pelos elementos do texto verbal, ambos são determinantes na construção dos sentidos das narrativas. Partimos da definição de livro ilustrado ou livro com imagem como o livro que apresenta imagens seqüenciadas que estabelecem sentidos em sua relação com o texto e a apresentação de personagens a partir de determinada situação em que estão presentes a dimensão temporal e espacial (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011). Nesse sentido são os elementos da imagem, cores, traços, volume e posição dos objetos dispostos na página e a construção de sentidos com o texto que serão destacados em nossa leitura. Discutiremos inicialmente o percurso de evolução das discussões sobre ilustração, as definições sobre o livro infantil ilustrado e suas particularidades de construção, posteriormente, apresentaremos dados sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) Nesse artigo, nos deteremos nos livros de imagens que são apresentados no intervalo (2005/2010), nos interessa investigar as categorias e os livros aí colocados em suas definições para leitura e anos escolares indicados.

2. ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A ILUSTRAÇÃO NO LIVRO INFANTIL E O LIVRO DE IMAGENS

O livro de literatura infantil nem sempre trouxe a relação entre a ilustração e a palavra, de forma específica e como característica comum à sua constituição, no entanto é contínua e crescente a discussão sobre o papel da ilustração nas obras de literatura para crianças. Em uma vertente mais tradicional, é comum encontrar dentro dos estudos sobre a produção de Literatura Infantil perspectiva como a de Coelho (1993), que destaca os chamados livros de imagem, ou de estampa, e sintetiza que “embora não seja ‘literatura infantil’, no sentido tradicional do termo, pertencem tanto ao domínio da arte ‘literária’ como ao da arte ‘pedagógica’”. A autora reforça que no caso da ilustração essa funcionalidade, muitas vezes, suplanta o texto nas fases iniciais da formação do leitor infantil. No entanto, quando há uma articulação entre as duas linguagens isso não ocorre; antes, a imagem destaca as passagens mais significativas da narrativa e sugere elementos para ampliação da leitura. Para observar as construções dos significados da ilustração nas narrativas para crianças, é necessário adotar uma perspectiva dessa não apenas como elemento constitutivo do livro infantil, mas como um importante modificador de sentidos.

Retomando os aspectos de leitura, levantados por Novaes, Marly Amarilha (1997, p.17)



comenta que “a ilustração contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor, como por exemplo, a imobilidade da ilustração que favorece a capacidade de observação e análise”, e promove “uma rica experiência de cor, forma, perspectiva e significados”. Esta autora chama atenção para o cuidado que se deve ter para o procedimento que fica apenas na leitura, no caso do leitor inicial, de imagens e “não avança do pictórico para o verbal” (1997, p. 17). Por outro lado, é imprescindível que se habilite o leitor para a integração entre as linguagens, não impondo uma redução do papel da ilustração na leitura. Há uma valorização da palavra escrita com fonte primordial de múltiplas leituras, a imagem seria, neste contexto, uma linguagem óbvia e transitória, sem possibilidades de diversas significações que não a explicação e a sedução para uma experiência de fantasia e imaginação permanentes. Seguindo esse percurso crítico Lajolo e Zilberman (1991) investigam a produção da ilustração em obras infantis e afirmam que a linguagem visual está no centro, “e não mais como ilustração e/ou reforço de significados confiados à linguagem verbal” (p.135). Ao cotejar esse breve panorama sobre a ilustração no livro destinado ao público infantil, percebe-se uma dicotomia: ora a imagem ocupando uma função explicativa e auxiliar junto ao texto escrito, este como prioridade, ora o texto redundante e a imagem estabelecendo a construção de novos sentidos.

Segundo Camargo (2004), para entendermos o conceito de ilustração como uma linguagem que constitui uma relação com o texto, por vezes, mais plurissignificativa do que apenas a descrição referencial, é preciso avaliar a relação entre texto verbal e imagem a partir de dados coerentes, assim, “abre-se para o ilustrador um amplo leque de possibilidades de convergência com o texto, que não limita a exploração da linguagem visual, mas, ao contrário, pode incentivá-la” (p. 4). Camargo, escritor e ilustrador, em seu livro Ilustração do livro infantil (1995) confere, apoiado nas funções da linguagem de Roman Jakobson, oito funções à ilustração: representativa, descritiva, narrativa, simbólica, expressiva, estética, lúdica, conativa, metalingüística, fática e de pontuação. Muito mais do que apenas ornar ou elucidar o texto, a ilustração pode, assim, representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual. É importante ressaltar que raramente a imagem desempenha uma única função, mas, da mesma forma como ocorre com a linguagem verbal, as funções organizam-se hierarquicamente em relação a uma função dominante. Essas funções compreendem uma percepção de que a ilustração de um texto condensa muitas possibilidades de diálogo entre o que está escrito e a imagem visual, carregando as leituras do texto de significados, narrando ações, usando de metalinguagens



visuais ou simplesmente anunciando seu início ou fim. O aspecto que parece mais significativo, nesse encontro entre imagem e texto é a percepção da forma como dialogam texto e imagem, sem que haja o predomínio de um sobre o outro. Nesse caso, então, realizar a leitura é proceder à investigação do diálogo entre a ilustração e o texto. Para Luis Camargo (2004, p.3), “a relação entre ilustração e texto pode ser denominada coerência intersemiótica”, que o autor empresta, de forma ampliada, do conceito de coerência textual. Essa coerência intersemiótica é a relação de convergência estabelecida a partir de graus de coerência: a convergência, o desvio e a contradição. Analisar os aspectos dessa coerência incide na verificação de como e quanto uma ilustração converge para os significados do texto, dele se desvia ou o contradiz. Essa perspectiva adotada pelo ilustrador é de coerência também no entendimento da relação entre imagem/ilustração e texto. Não há, segundo o autor, ganho estético quando um dos textos suplanta o outro. A idéia de coerência intersemiótica perpassa a noção de interligação entre as linguagens e, assim, de construção do diálogo. Essa perspectiva de diálogo é seguida por Maria Alice Faria (2004, p. 14):

Em princípio, a relação entre a imagem e o texto, no livro infantil, pode ser de repetição e/ou de complementaridade, segundo os objetivos do livro e a própria concepção do artista sobre a ilustração do livro infantil. Quando o livro não tem claramente uma função pedagógica como auxiliar na alfabetização, o que justifica a repetição do enunciado escrito na imagem considera-se que a boa ilustração deve ser de complementaridade, ou seja, ‘um dos dois elementos pode ter a faculdade de dizer o outro, por causa da sua própria constituição, não poderia dizer’.

Deparamo-nos, desse modo, com um confronto entre essas funções para a imagem do texto infantil: uma pedagógica, que define para a ilustração a explicação do texto escrito, e outra lúdica, que amplia o significado do texto e atravessa os sentidos possíveis esboçados nas cores e traços. Podemos entender que tanto Luis Camargo quanto M^a Alice Faria definem suas perspectivas a partir do entendimento da ilustração como uma forma de aproximação com a arte visual e como uma linguagem que possui um significado – possível de ser lido e analisado, sem diminuir ou ancorar suas afirmações em hierarquias entre as linguagens verbal e visual dos elementos do livro infantil. Em alguns casos, é a ilustração que inicia o jogo de sentidos, em outros, o texto. Os autores propõem a leitura a partir desses pontos, mas sem restringir a possibilidade de construção de significados.



3. O LIVRO ILUSTRADO NO PNBE 2005 - 2010

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997, com o objetivo de garantir acesso a obras de literatura infantil e juvenil aos alunos da escola pública que, de outro modo, não poderiam tê-lo. O investimento sistemático, por parte do governo, na distribuição de obras para rede escolar resultou em ampla cobertura, com a distribuição de obras literárias, além de livros de referência e de apoio à formação de professores das escolas públicas em todo território nacional. O intuito do governo com esse programa de democratização de conhecimentos é contribuir para a formação de leitores.

Segundo dados do portal do FNDE o PNBE de 2003 foi executado em cinco diferentes ações: Literatura em minha casa (uso pessoal e propriedade do aluno) – alunos matriculados no 5º e no 9º ano do ensino fundamental; Palavras da gente – Educação de Jovens e Adultos (uso pessoal e propriedade do aluno) – alunos da última série correspondente à última etapa do 2º segmento da educação de jovens e adultos dos cursos presenciais; Casa da Leitura (para uso de toda comunidade do município) – uso comunitário no município; Biblioteca do Professor (uso pessoal e propriedade do professor) – professores da rede pública das classes de alfabetização e do 2º ao 5º ano do ensino fundamental; Biblioteca Escolar (para a biblioteca da escola e uso da comunidade escolar) – escolas com maior número de alunos de 6º a 9º ano.

O PNBE 2003 atendeu: 3.449.253 estudantes de 4ª série, em 124.408 escolas, com 4.062.510 coleções; 2.969.086 estudantes de 8ª série, em 35.685 escolas, com 3.745.810 coleções; e 463.134 estudantes de séries, etapas e ciclos finais do ensino fundamental de educação de jovens e adultos (EJA), em 10.964 escolas, com 544.916 coleções.

De acordo com informações disponibilizadas pelo FNDE em seu site oficial, na edição 2005, o PNBE beneficiou todas as escolas públicas brasileiras, das séries iniciais do Ensino Fundamental, 1ª a 4ª série. De uma forma mais precisa, foram alcançadas 136.389 escolas; 16.990.818 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental público brasileiro, que representam 8,7% da população brasileira e foram distribuídos 5.918.966 livros em todo País. A partir de 2005, após inúmeras discussões, o PNBE retomou a distribuição de livros de literatura para as bibliotecas escolares, e nesse ano, com foco nas bibliotecas das escolas públicas de 2º a 5º ano do Ensino Fundamental. Com esta ação procurou-se valorizar a biblioteca como promotora da universalização do

conhecimento.

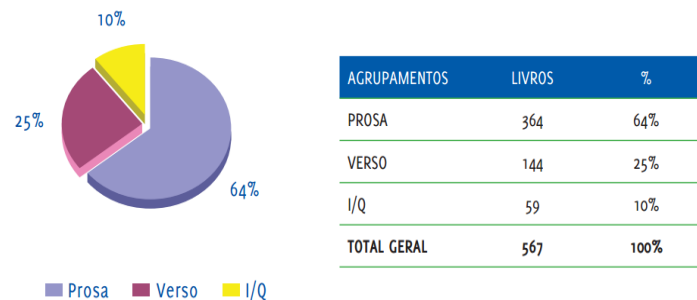
Em o PNBE começou a incluir em seus acervos alguns livros de imagens, e em 2005 foi organizada a categoria “livro de imagem” – com a presença do livro *Ritinha bonitinha* (2005) de Eva Furnari - e a categoria “livros de narrativas por imagens” em 2010. Nesse artigo, nos deteremos nos livros de imagens que são apresentados nesse intervalo (2005/2010), nos interessa investigar as categorias e os livros aí colocados em suas definições para leitura e anos escolares indicados. Acreditamos que a discussão terminológica possa servir de ponto de partida para avaliar as relações estabelecidas entre os títulos dos acervos e os leitores para os quais estes são direcionados. Obedecendo ao que foi previsto no edital do PNBE/2008 deveriam ser selecionadas para cada acervo, obras em cada um dos três agrupamentos seguintes:

1. textos em verso – poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava-línguas, adivinhas;
2. textos em prosa – pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias;
3. livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal, artisticamente adaptadas ao público da educação infantil e das séries/anos iniciais do ensino fundamental. (BRASIL, edital PNBE/2008)

No guia de leitura *Literatura na infância: imagens e palavras* (2008) com elaboração de Paiva et al, e realização do CEALE/UFMG/MEC, a seguinte distribuição é apresentada, considerando as obras ilustradas/de imagem e em histórias em quadrinhos enviadas pelas editoras para concorrer ao edital:

Fig. 1 Quadro de livros inscritos no PNBE/2008

Livros inscritos no PNBE/2008, Educação Infantil,
por agrupamento, em percentagens



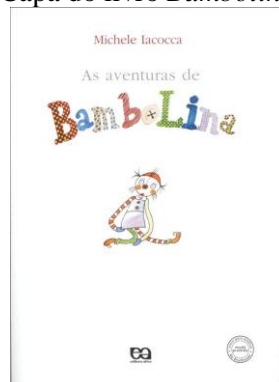
Fonte PAIVA et al . (2008)

No acervo dos sessenta livros contabilizados como de imagens e/ou história em quadrinhos temos livros ilustrados, e livros só de imagens, no total oito livros, sem texto e com predominância de paginação dupla, coloridos e com número de página variando entre 25 e 40 no total. São eles:

Ritinha Bonitinha – Eva Furnari (1990); *Feito bicho* – Gabriela Brioschi (2007); *Passarinhando* – Nathalia Sá Cavalcante (2008); *Shhh* – Juan Gedovius (2008); *O presente que veio do céu* – Regina Rennó (2008); *Quanto isto vira aquilo* – Guto Lins (2007); *Ida e volta* – Juarez Machado (2001) e *Bambolina* – Michele Iacocca (2007) (BRASIL, Acervo do Pnbe 2008)

As ilustrações são extremamente coloridas, retomando modelos de várias estéticas e traços variados desde o mais natural até os traços que misturam linguagens diferentes. As técnicas utilizadas vão de lápis de cores, paleta de cores quentes e fundo branco bastante comum. Percebe-se uma repetição de linhas convergentes que continuam as informações para favorecer as ações das narrativas. O fundo neutro completa o destaque dado aos detalhes em primeiro plano. Nos livros selecionados temos uma relação construída pela interação entre os elementos plásticos/narrativos da ilustração e a continuidade narrativa, o que vai favorecer a dimensão imaginativa do leitor, assim há uma ampliação de sentidos para além da explicação. Nesse caso, a ilustração funciona como o elemento plástico e narrativo que conta a história e o seu funcionamento garante o entendimento da narrativa, sem dependência do texto escrito. A ampliação dos significados também se atualiza pela experiência do leitor infantil, as sensações são vivenciadas pelas linguagens plásticas constituintes do livro. Nos casos analisados a ilustração estabelece as relações narrativas de sentido através do uso de cores e formas específicas, pistas são distribuídas ao longo das obras para conduzir o leitor para a seqüência das ações com o texto escrito. Vejamos o caso de *Bambolina* de Michelle Iacocca, de 2008, que funciona como um bom exemplo de narrativa visual que compõe o acervo de 2008.

Fig. 1. Capa do livro *Bambolina* (2008)



Fonte: Iacocca (2008)

A boneca Bambolina é o personagem principal dessa narrativa de Michelle Iacocca, a cena



inicial apresenta uma boneca de pano com pernas e braços de tecido colorido, o corpo com pedaços de tecidos diversos, rosto com olhos e boca bordados e um nariz que é um botão. *Bambolina* pertence a uma menina que ganha outra boneca, nova e cheia de detalhes. A boneca é então abandonada, e encontrada por outro dono, segue nesse ritmo de passar de um dono para outro varias vezes. Embora todos os donos se arrependam e busquem recuperar a boneca, chegam sempre atrasados. Depois de muitas aventuras, é jogada no lixo, passa por uma recuperação e chega enfim a uma “clínica” onde é alçada ao posto de artista do circo de marionetes, encontrando, enfim, o seu lugar. *Bambolina* ilustra a principal tendência do acervo que é investir em narrativas de sequencia de imagens, com muitos detalhes e provável condução individual pelo leitor. Os recursos gráficos vão construindo o ritmo visual que determina as aventuras de *Bambolina*, as repetidas vezes em que parece encontrar alguém que vai cuidar dela e depois o abandon, os traços finos, lembram os recursos usados nas histórias em quadrinhos e retomam o mesmo pano de fundo em momentos diversos da ilustração do livro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço conquistado pelo livro de imagens ainda é restrito e necessita de ampliação em direção da formação dos leitores e dos mediadores. As iniciativas de composição do PNBE com livros de imagens vem crescendo e se configuram como uma resposta a necessidade de demandas de uma produção contemporânea. Embora seja escassa a informação sobre os livros de imagens e mesmo as orientações ainda são pouco divulgadas, temos o guia de leitura produzido pelo Ceale/UFMG que comenta cada um dos sessenta livros. Percebemos a predominância das escolhas recaem em livros de narrativa e que conduzem aos recursos de contar por imagens de diversas estéticas e com recursos variados. O espaço conquistado pelo livro de imagens ainda é restrito e necessita de ampliação em direção a uma formação de leitores e de mediadores, mas, a iniciativa do acervo é uma das mais atualizadas e corresponde

5. REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luis. *Ilustração do livro infantil*. 2. Ed. Belo Horizonte: Lê, 1995.

COELHO, Nelly N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.

FARIA, Ma Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 4 ed. São Paulo: contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Paulo: Ática, 1991

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NIKOLAVEJA, Maria e SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

PAIVA, Aparecida et. Al. *Literatura na infância: imagens e palavras* UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2008. . Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; Belo Horizonte:

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis - caminhos para ler o texto visual*. São Paulo: Autêntica, 2011.

SAGAE, Peter O'. *Imagens e enigmas na literatura para crianças*. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 2008.

TAVARES, Márcia. Brincar com palavras e imagens In: PINHEIRO, Hélder. (org) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

TAVARES, Márcia. Ilustração e palavra: diálogos no livro infantil. SINALGE - Simpósio Nacional Linguagens e Gêneros Textuais. Campina Grande: UEPB, 2007

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br